

Descartes: as aventuras do herói do conhecimento no *Discurso do método*

EDISON BARIANI *

RESUMO: Publicado em 1637, o *Discurso do método*, de R. Descartes, de modo pioneiro, narra a trajetória de um 'eu' como sujeito do conhecimento em busca do saber por meio do caminho, do método. No percurso, pensador, narrador, 'eu', indivíduo, sujeito e herói se fundem, desse modo, a obra anuncia não somente a moderna forma de pensamento baseada no indivíduo solitário como sujeito do conhecimento, também, prenuncia o nascimento do romance moderno e a aventura solitária do herói pelo mundo, sem as amarras e apoios da comunidade, da religião, da tradição e da autoridade, e em busca de valores autênticos e sentido para a vida. Todavia, na atualidade, o cartesianismo, a despeito de Descartes, deu lugar à proscrição do herói desbravador e cedeu à determinação das condutas, assim como a literatura e as ciências humanas passaram a priorizar o caminho em detrimento do caminhante.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento; Descartes; Herói; Indivíduo; Método; Romance moderno; Sujeito.

ABSTRACT: Published in 1637, *Discourse on Method*, by R. Descartes, innovatively narrates the trajectory of an "I" as a being in search of knowledge through its way – the method. In this trajectory, thinker, narrator, "self", subject, and hero all become one, and thus the work announces not only the modern way of thought based on the solitary individual as the subject of knowledge, but also prefigures the birth of the modern novel, the solitary adventure of the hero in the world, deprived of support from community, religion, tradition, authority, and in search of authentic values and meaning for life. Nevertheless, presently, in spite of Descartes, Cartesianism was supplanted by the proscription of the adventurous hero and bowed to the behavioral determination, in the same way that Literature and Human Sciences began to focus on the trajectory rather than the travelling subject.

KEYWORDS: Descartes; Hero; Individual; Knowledge; Method; Modern Novel; Subject.

* Doutor (2008) e Pós-Doutor(2009) em Sociologia pela Unesp/Araraquara. Professor na Faculdade de Itápolis - 14900-000 - Itápolis - São Paulo - Brasil. E-mail: edsnb@ig.com.br

Descartes: vida e *Discurso*

René Descartes nasceu em 1597, em La Haye (França) e faleceu em 1650, em Estocolmo (Suécia). Filho de uma família da “pequena nobreza”, recebeu em herança o necessário para poder dedicar-se à arte de pensar. Educado por jesuítas no elitista colégio Royal Henry-Le-Grand, em La Flèche, graduou-se em Direito, em 1616, pela Universidade de Poitiers. Tentou a carreira militar e serviu no exército holandês do Príncipe Maurício de Nassau. Em 1619 viajou até a Alemanha, onde teve alguns sonhos que lhe pareceram uma revelação sobre sua missão na filosofia e na vida. Entre um período recluso e outro, viajou, refletiu e manteve diálogos filosóficos, foi à Dinamarca e à Polônia, retornou à França, foi aos Países Baixos e, finalmente, à Suécia, onde faleceu devido a uma pneumonia. Não tinha grandes posses, porém teve alguns poucos patronos e entusiastas ao longo da vida – foi à Suécia devido ao convite da Rainha Cristina e manteve ao longo da vida intensa correspondência com a Princesa Isabel, da Boêmia (GAUKROGER, 1999) – que possibilitaram sua dedicação à vida intelectual.

Dentre suas outras obras, destacam-se as *Regras para a direção do espírito* (1628); os três pequenos tratados científicos: *A Dióptrica*, *Os Meteoros* e *A Geometria*, cujo prefácio que escreveu para estas obras veio a ser seu trabalho mais conhecido, posteriormente publicado em 1637, como o *Discurso do método*; as *Meditações sobre a filosofia primeira*, assim como as *Objções e respostas*, são publicadas em 1641; publica os *Princípios da filosofia*, em 1643; *As paixões da alma*, em 1649; e suas *Cartas*, que datam de 1643-1647. Em 1634, Descartes renunciou à publicação de seu *Tratado do mundo* após ter notícia da condenação de Galileu por defender uma tese da qual ele também compartilhava: a do heliocentrismo combinado com o movimento da terra.

O *Discurso do método* (*Discours de la méthode*, 1637), cujo subtítulo é “para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências” e que a primeira edição era anônima, teria sido anteriormente nomeado por Descartes, segundo Étienne Gilson: “O projeto de uma ciência universal que possa elevar a nossa natureza ao seu mais alto grau de perfeição” (DESCARTES, 1986, p. 41, nota 18), correspondendo ao projeto cartesiano de desenvolvimento de um método para uma ciência universal após o que considerou uma revelação: os sonhos de 1619.

Primeiro grande clássico da filosofia escrito numa língua vulgar, em francês, e não em latim (a língua da elite culta e dos preceptores católicos de Descartes), conseguiu, deste modo, uma repercussão significativa, bem como atender ao apelo de não se restringir à elite intelectual da época, guardiã da tradição, da erudição livresca, da escolástica e dos demais valores do conhecimento que Descartes pretendia reconsiderar:

¹ “Que caminho hei de seguir na vida?”, frase de Decimus Magnus Ausonius (310 – 394), poeta romano, cujas palavras aparecem nos sonhos de Descartes.

Se escrevo em francês, língua do meu país, e não em latim, que é a dos meus preceptores, é porque espero que os que apenas se servem da sua razão natural inteiramente pura julgarão melhor as minhas opiniões do que os que apenas acreditam nos livros antigos. E quanto aos que aliam o bom senso ao estudo, os únicos que desejo para meus juízes, não serão tão partidários do latim que recusem ouvir as minhas razões só porque as explico em língua vulgar (DESCARTES, 1986, p. 113).

Com isso, o autor expressava um anseio por distanciar-se do pensamento religioso e aproximar-se do laico, também, pretendia fazer a obra chegar a um público mais amplo e menos cerceado mentalmente, bem como aos pensadores do novo, que se atreviam a questionar a tradição, uma vez que foi contemporâneo de T. Hobbes, Galileu, entre outros.

Com Descartes e o *Discurso do método* filosofia não só se revitaliza, chega à língua comum e ao alcance do público mais amplo, mas também inaugura a modernidade e, ainda, dá sentido literário ao pensamento filosófico e ares de épica à aventura do conhecimento. Apesar do precedente anterior de Montaigne, nos *Ensaaios*, obra cuja primeira edição é de 1580 (MONTAIGNE, 1980) e exerceu grande influência sobre Descartes, é com o *Discurso* que o herói do conhecimento ganha dimensão épica e expressão literária da busca solitária do sentido da vida e da verdade do mundo à revelia da tradição, e agora, confrontado com um mundo em constante transformação, o que será, mais tarde, sedimentado no romance moderno.

Apesar da contribuição de Descartes, a literatura francesa estrito senso, segundo Otto Maria Carpeaux (1960), teve outro início, uma vez que o valor objetivo da ciência, a onipotência da Razão, o progressismo, o anti-historicismo presentes na obra do autor seriam inimigos da erudição clássico-filológica – que estaria na raiz dessa literatura. A influência do cartesianismo na literatura francesa seria somente “a capacidade de por em dúvida sistemática todas as *fables convenues*” (ibidem, p. 1038-9), pois “Pascal [...] é o primeiro grande prosador francês” (ibidem, p. 1040). Nos *Pensamentos*, publicado em 1670 (PASCAL, 1995), a angústia e a melancolia deste “poeta em prosa” desprendem-se do discurso científico, assim, o Pascal das “razões do coração” é o anticartesiano por excelência (CARPEAUX, 1960, 1041-51). Logo, “O classicismo não é cartesiano” (CARPEAUX, 1960, p. 1038)².

Entretanto, com os posteriores desenvolvimentos e interpretações da obra de Descartes, a dimensão íntima, psicológica ficou relegada, e a dimensão técnica, mecânica, impessoal, racionalista instrumental ganhou notoriedade, perdendo-se assim o aspecto existencial da obra, que o aproxima do pensamento crítico e do romance moderno.

A originalidade da expressão de Descartes, embora não se esgote nisso, tem fundamento na legitimação do método como percurso para a verdade e na afirmação do ‘eu’ solitário e subjetivo como sujeito do conhecimento:

² “Nesse sentido, Saint-Beuve tem razão para sempre: a literatura francesa moderna nasceu, com Pascal e Racine, em Port-Royal. Neste sentido todos os clássicos são mais ou menos ‘jansenistas’, isto é, adeptos da análise e auto-análise psicológica. Até o pessimista cínico, La Rochefoucauld, elaborou as suas observações psicológicas no salão da jansenista Madame de Sablé” (CARPEAUX, 1960, p. 1039).

A necessidade de contextualização do pensamento, de situá-lo em relação à experiência de vida do indivíduo pensante, é uma exigência do próprio Descartes. Afinal, em várias de suas obras, principalmente nas *Meditações* e no *Discurso do método*, ele apresenta uma justificativa autobiográfica para as ideias que expõe, procurando explicar como e por que chegou a elas. Trata-se de algo inusitado na tradição filosófica, pelo menos com esta importância e centralidade, talvez com exceção das *Cartas* de Platão e das *Confissões* de Santo Agostinho, principalmente pelo sentido que Descartes dá a esses elementos biográficos, o que nos permite como que refazer o percurso de seu pensamento. O sujeito pensante entra em cena, a autoridade da obra impondo-se não mais pela escola a que pertence ou pela tradição a que se filia, mas pelo testemunho de seu autor. Diz Descartes no *Discurso do método* (1ª parte): “terei a satisfação de mostrar neste discurso os caminhos que segui, e de apresentar minha vida como em um quadro”. É significativo que Descartes escreva quase sempre na primeira pessoa do singular, em um estilo muito diverso do tratado clássico, abstrato e impessoal (MARCONDES, 2007, p. 165).

Todavia, o discurso filosófico, as ambições científicas, o reinado da razão e a bússola do método não inviabilizam a expressão dos valores e das angústias do saber, de certo misticismo implícito no aceite de uma missão, a percepção dos limites da razão e o caráter literário do texto. Assim, se a exposição do método direciona o sentido da obra, por outro lado, “como não observar desde já que o texto fundamental, o *Discurso do método* é um monólogo em que as paixões, as noções, as experiências da vida, as ambições, as reservas práticas do herói são pela mesma voz indistintamente expressas?” (VALÉRY, 1975, p. 10-11). Nesse sentido, o *Discurso do método* também pode ser visto como “uma autobiografia do autor” ou, fenomenologicamente, como drama, um drama quase barroco de perdição e salvação, dividido em três atos: I) Descartes perdido no mundo, II) Descartes prisioneiro em si mesmo, III) Descartes recuperando o mundo” (KUJAWSKI, 1969, p. 22).

O texto, escrito em primeira pessoa e que, por vezes, se dirige ao leitor de modo próximo, mesmo íntimo, prescinde de muitas referências aos filósofos clássicos, evita prolongadas demonstrações lógicas e comunica não apenas a argumentação filosófica, mas, sobretudo, o percurso, o caminho, o método que, ainda que baseado nas matemáticas, ganha um sentido muito pessoal. Segundo Ettiéne Gilson (1979, p. 45), Descartes “Gostava muito da eloquência e estava apaixonado pela poesia; mas pensava que uma e outra eram mais dons do espírito do que frutos do estudo”, todavia, como é indivisível a alma, segundo ele próprio, ao cuidar da ciência também se ocupou da arte literária:

Homem de sua época, Descartes foi, ao mesmo tempo, viajante contumaz e homem retirado, soldado engajado em exércitos em guerra e homem em busca de tranquilidade, aliado de católicos e protestantes, homem da corte e habitante da província, pensador isolado e correspondente da intelectualidade europeia, autor de um manual de esgrima e de uma das mais profundas obras de metafísica, racionalista, homem de ciência e interessado na magia e nos mistérios dos rosacruzes, a cuja ordem talvez tenha pertencido. É a diversidade dessas experiências que forma matéria a partir da qual Descartes desenvolve o seu pensamento, e é por insistência do próprio Descartes que devemos compreender o pensamento filosófico como resultado da reflexão sobre a experiência de vida (MARCONDES,

2007, p. 166-7).

Essa multiplicidade de interesses e vivências, as viagens e as experiências mais ou menos erráticas, as aventuras e o isolamento, a circulação por diferentes meios e ideologias, em suma, o conjunto aparentemente díspar de acontecimentos e circunstâncias que caracterizam a vida e o pensamento de Descartes parecem aproximá-lo da condição íntima que caracteriza o herói romanesco moderno, sobretudo se pensarmos que este se caracteriza, em larga medida, pela relação sempre instável e incerta com o mundo e com o próprio destino, pelo fato de que encara a existência como trajetória e percurso, ainda que nem sempre tenha consciência disso, do mesmo modo que Descartes entende o método como uma forma de trajetória ou travessia por meio da qual o pensamento se materializa³.

Sonhos e preparativos

Uma das motivações da obra do autor, mormente no *Discurso do método*, é certo caráter místico advindo dos sonhos que Descartes teve na noite de 10 de novembro de 1619 e interpretou como uma revelação e um chamado divino para que dedicasse sua vida à reforma de todo o conhecimento (BORGES-DUARTE, 2004; SAIANI, 2012). Curiosamente, a obra que é tomada como marco inaugural da modernidade técnica, matemática, metódica, da dúvida hiperbólica, industrial e operante – “a primeira filosofia explícita das máquinas” (GRANGER, 1979, p. 23) – veio à luz insuflada pelo sopro místico da crença no encargo de uma obrigação imputada pela divindade⁴.

Após os sonhos, o autor preparou-se para estar à altura da incumbência de renovar o conhecimento e, em 1637, publica o *Discurso do método*, que viria a se tornar o ponto de mutação da filosofia antiga para a moderna, uma vez que, “considerada de certo ponto de vista, toda a história da filosofia ocidental desde Descartes é a história da tentativa de conferir sentido a sua afirmação de que verdades objetivas podem ser inferidas a partir da convicção de que o sujeito existe” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2000, p. 196). O percurso do ‘eu’ para descobrir, alcançar, provar e legitimar a própria existência individual como sujeito do conhecimento, bem como a existência do mundo como objeto e de Deus como lastro da verdade é a épica moderna desse novo herói, o indivíduo moderno; não à toa, segundo Étienne Gilson, Descartes chamou o preâmbulo geral do discurso de “história de seu espírito” (DESCARTES, 1986, p. 42, nota 25).

No *Discurso*, o herói do conhecimento, o ‘eu’, o sujeito, perde-se no mundo em busca de sentido, tal qual no romance moderno, no qual o herói percorre sua “epopeia burguesa” (HEGEL *apud* LUKÁCS, 2009, p. 195), em busca de valores autênticos, verdades fiáveis e formas confiáveis de existência, num mundo cuja ordem foi solapada (LUKÁCS, 2006; 2009). Na obra, a trajetória de Descartes e do ‘eu’ como sujeito do conhecimento confundem-

³ Devo tais ideias e palavras às argutas observações do Prof. Marcio Scheel.

⁴ A respeito dos sonhos de Descartes ver Saiani (2012) e Borges-Duarte (2013).

se inteiramente: as angústias, as dúvidas, as peregrinações, o isolamento, a convivência, as certezas e incertezas do autor, do narrador e do sujeito fundem-se nessa viagem de descobrimento e autodescobrimento. Mais do que a trajetória de um autor que viveu sua obra, o livro é a expressão de uma obra tão significativa que se tornou a própria saga da busca do conhecimento na modernidade, bem como a expressão formal, filosófica e literária, da solidão do sujeito na procura da verdade⁵.

A viagem de Descartes

A viagem cartesiana se inicia pela consideração, extremamente moderna, de que todos os indivíduos são capazes de bom senso, razão, o homem comum e o filósofo, o estrangeiro, o pagão, o não-cristão, todos que, por meio do método (o modo de bem conduzir a razão), organizem suas reflexões, pois, além disso, o “caminho do conhecimento está aberto aos ignorantes e aos doutos” (DESCARTES, 1986, p. 45).

Para um pensador que não se sentia obrigado a ser “homem de ofício da ciência” (p. 46)⁶, o método é, para ele, a realização que “a mediocridade do meu espírito e a curta duração da minha vida permitirão chegar” (p. 41), cujo propósito não é ensinar o que cada um deve seguir, conduzir-lhes a razão, mas “apenas mostrar de que maneira procurei conduzir a minha” (p. 42), uma vez que pois resolve não procurar mais outra ciência senão a que pudesse descobrir em si próprio e “no grande livro do mundo”. Assim, pôs-se a viajar e encontrou, segundo seu relato, mais verdade nas opiniões de cada um que na vaidade dos homens de gabinete e suas especulações (p. 47-8).

A viagem, entretanto, segundo sua percepção, não o situa nem o atualiza, pois é, ademais, uma viagem interior, transmuda-se geograficamente e, sobretudo, espiritualmente, já que “quando se gasta demasiado tempo a viajar, acaba-se por ser estrangeiro no próprio país; e quando se é obsessivamente curioso das [coisas, modas] que se faziam nos séculos passados, fica-se ordinariamente muito ignorante das que se praticam no presente” (p. 44).

O método, o caminho, é o caminho de cada um, embora a ciência e a verdade sejam universais, cada qual deve traçar seu rumo em direção a elas, logo, Descartes não recomenda aos outros seguir fielmente seu percurso: “ao apresentar este escrito como uma história, ou se preferirem, como uma fábula, na qual, entre alguns exemplos que imitar se podem, também se encontrarão, talvez, vários outros que será razoável não seguir, espero que seja útil a alguns, sem ser nocivo a ninguém, e que todos irão apreciar a minha franqueza” (p. 42).

Na segunda parte do discurso Descartes experimenta a solidão do caminho⁷. A solidão e o isolamento não são consequências da busca do conhecimento, são requisitos. O trabalho de

⁵ Segundo Gaukroger (1999), Descartes sofria com a *tristesse*, a melancolia, daí em parte sua solidão e sua necessidade de estar só por longos períodos.

⁶ Daqui por diante, todas as citações de Descartes serão realizadas mediante apenas a indicação da página do texto consultado, devidamente citado nas referências bibliográficas.

⁷ Ao longo de sua vida, em algumas estadias, como quando esteve na Alemanha, passava grandes períodos isolado, fechado em seu quarto.

um é sempre mais belo e eficaz que o de vários, “não há tanta perfeição nas obras compostas por várias partes e feitas pela mão de diversos mestres como naquelas que só um trabalhou” (p. 50), assim é na arquitetura, na construção e também na obra do conhecimento; quanto às verdades, “é muito mais verossímil que um só homem as tenha encontrado do que um povo inteiro” (p. 55).

Perfazer o caminho em solidão à procura da luz da razão é também caminhar no escuro, o que supõe sempre cautela: “como um homem que caminha só e nas trevas resolvi ir tão lentamente e usar de tanta circunspeção em todas as coisas que, embora não avançasse senão muito pouco, evitaria pelo menos cair” (p. 55). O caminho da dúvida, sem o apoio da tradição, da autoridade ou dos cânones, é sempre arriscado, portanto, adverte que não é para todos, e não o aconselha: “A simples resolução de se desfazer de todas as opiniões que antes se aceitavam de boa fé não é um exemplo que todos devem seguir” (p. 53). Embora seja um caminho aberto a todos, só os fortemente determinados devem se aventurar nele, sob pena de serem engolidos pelo vazio da dúvida e, se para tanto não estiverem preparados, deve-se ter bom senso e modéstia e seguir a opinião de outros até ter melhores opiniões próprias (p. 54). O uso de um instrumento da razão como a lógica – que refina e corrige o raciocínio, mas não revela o caminho – não expande o conhecimento e, logo, não pode ser bússola para o desconhecido (p. 55). A vontade sim tem uma enorme importância e é condição fundamental na busca da verdade (TEIXEIRA, 1990).

Outro requisito para percorrer o caminho é a ousadia, o destemor do erro, já o notara Walter Benjamin, segundo uma comentarista:

Para Benjamin, Descartes foi o primeiro pensador a transformar a desterritorialização reconduzida ao *subjectum*, à constituição representante. O conhecimento certo é recusa da hesitação e se confunde com o tema da certeza, ela mesma nascida da evidência em que está a verdade. Quebrar em si a hesitação é um ato voluntário que implica um conflito, isto é, uma resistência vencida; ir reto na floresta, mesmo quando se desconhece o caminho, supõe vencer um primeiro impulso que é errar, experimentar diversas saídas (MATOS, 1993, p. 49).

O erro, desse modo, não é um defeito, é parte do processo de alcançar a verdade, perder-se é uma condição para conhecer o caminho.

Ao longo do percurso, o pensador, por seu empenho, encontra as regras do método, a saber: 1) “nunca aceitar como verdadeira alguma coisa sem a conhecer evidentemente como tal”; 2) “dividir cada uma das dificuldades que eu havia de examinar em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor as resolver”; 3) “conduzir por ordem os meus pensamento começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer para subir pouco a pouco, gradualmente, até ao conhecimento dos mais compostos; supondo mesmo certa ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros”; 4) “fazer sempre enumerações tão íntegras e revisões tão gerais que tivesse a certeza de nada omitir” (DESCARTES, 1986, p. 56-8). O método, entretanto, não é o resultado, nem o fim, é o caminho, a direção a seguir; este é pura reflexão, “Essa fase da ideia ao espírito, esse passo

espantoso, esse recuo, essa oposição de si pensado a si pensante, é o método, e é a alma da alma” (ALAIN, 1993, p. 126).

Moral e moradas provisórias

Ainda que se esteja convicto da direção, prosseguir no caminho supõe abrigar-se, descansar, pernoitar em várias moradas e, como se está ainda longe da chegada, cumpre adotar provisoriamente formas de pensar e de se conduzir, já que não se deve enfrentar o caminho sem a salvaguarda de uma moral. Descartes recorre novamente à metáfora da construção: “finalmente, como antes de começar a reconstruir a casa que se habita não basta demoli-la, nem exercitar-se pessoalmente na arquitetura, nem, além disso, ter traçado cuidadosamente o seu plano, mas é necessário ter-se precavido de alguma outra, onde se possa alojar comodamente enquanto nela se trabalhar” (DESCARTES, 1986, p. 63). Ao tempo que o exercício da dúvida metódica é algo destrutivo, nesse ínterim, não se pode deixar o sujeito ao relento.

“E, como ao deitar abaixo uma velha habitação se conservam habitualmente as demolições para com elas construir uma nova; assim, ao destruir todas as minhas opiniões que julgava mal fundadas fazia diversas observações e adquiria muitas experiências, que me serviram depois para estabelecer outras mais certas” (p. 69). A ideia da construção (e da demolição) é algo frequente no caminho do sujeito em direção ao saber. Para se chegar a um conhecimento seguro é preciso demolir – por meio da dúvida – as falsas moradas da verdade, conseqüentemente, deve-se erigir novas moradas para abrigar as evidências primeiras e salvaguardá-las para a construção da verdade, ainda que aproveitando algo dos destroços.

Como o que diz respeito aos homens e suas ações é sempre algo mais volátil, a construção de um conhecimento nessa área depende de um maior cuidado e empenho, porém, a vida não pode esperar tal construção, é necessário criar abrigos provisórios. Uma moral provisória é requisitada para a condução dos homens enquanto a dúvida e o método não estabelecem verdades duradouras.

Nesse sentido, algumas regras podem ser úteis, a saber: 1) obedecer às leis e aos costumes do seu país, conservar a religião na qual foi instruído e seguir as opiniões dos mais sensatos, desfrutando dessas prudência e moderação sedimentadas; 2) evitar excessos, inclusive promessas e contratos, que são excessos, pois violam as circunstâncias da provisoriedade da moral e do mundo; 3) ser resoluto, determinado, a hesitação não tem o mesmo efeito da dúvida, não ajuda a avançar na construção das coisas (p. 63-65); por fim:

procurar sempre antes vencer-me a mim próprio do que vencer a fortuna e modificar antes os meus desejos do que a ordem do mundo; e geralmente, habituar-me a acreditar que, afora os nossos pensamentos, nada há que esteja inteiramente em nosso poder, de maneira que depois de ter procedido o melhor possível, em relação às coisas que nos são exteriores, tudo o que impede que sejam bem sucedidos é, em relação a nós, absolutamente impossível. E isto, por si só, parecia-me ser suficiente para me impedir, futuramente, de desejar algo que

não pudesse adquirir e, assim, tornar-me contente (DESCARTES, 1986, p. 66).

Conhecer, adaptar-se, conter as paixões, resignar-se, exercer a prudência e evitar os excessos. As lições aprendidas de Sócrates, de Platão, do estoicismo e de Aristóteles combinam-se numa moral pragmática. Mas tal pragmatismo da moral cartesiana adviria de sua condição provisória? Ou a condução por meio do método nesse terreno da ética levaria a uma moralidade racional e universal, baseada também na impessoalidade, na vontade e na autonomia, nos moldes de um prenúncio da filosofia prática kantiana?

Um aspecto da moralidade cartesiana é particularmente observado pelo sujeito heroico do conhecimento: evitar vaidade no conhecer (p. 60). Descartes preocupa-se em “empregar toda a vida a cultivar a razão e a avançar, o mais que pudesse, no conhecimento da verdade, seguindo o método que me tinha imposto” (p. 67), ao longo do caminho para o conhecimento, cabe rever as opiniões viajando e conversando com as pessoas, assim, ao longo de quase nove anos, “não fiz mais do que andar pelo mundo, procurando ser mais espectador do que ator em todas as comédias que nele se desenrolam” (p. 68-9). A solidão e o isolamento, novamente, aparecem como antídoto para evitar a falsa reputação (e, eventualmente, merecer a que lhe davam), daí resolver retirar-se para a Holanda e se “afastar de todos os sítios onde pudesse ter relações” (p. 70), onde se pudesse “viver tão solitário e retirado como nos desertos mais distantes” (p. 71).

O gênio maligno, o Deus do conhecimento e as paixões da alma

Perambular pelo mundo, dialogar com outrem, colher opiniões, recolher-se e construir outras próprias não esgota o trabalho da razão. A variedade das coisas e a pluralidade das opiniões desafiam e desviam do rumo confiável; os sentidos e as experiências seduzem, encantam, fartam de novidades, mas também enganam e iludem. A dúvida acomete todas as experiências de uma fragilidade ontológica, o pensamento solapa as percepções, só o pensar confere ao sujeito uma evidência da existência. Todavia, o sonho, o devaneio e mesmo um deus maligno poderia nos induzir a pensamentos equivocados. Não basta pensar e existir, daí a angústia do sujeito, pois, embora seja o este que constrói o caminho, o fundamento último da verdade poderia não residir nele próprio: “julguei que podia tomar como regra geral que as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras” (DESCARTES, 1986, p. 75), porém, uma vez que “a razão não garante que seja verdadeiro o que assim vemos ou imaginamos. Mas sugere-se que todas as nossas ideias ou noções devem ter algum fundamento de verdade; porque não seria possível que Deus, que é inteiramente perfeito e completamente verdadeiro, as tivesse posto em nós sem isso” (p. 82), assim, segundo um comentarista, “não haveria provas se Deus não estivesse acima das provas” (ALAIN, 1993, p. 132).

Deus, insinuado pela representação em mim de algo que não me pode ser imanente, a perfeição, torna-se o lastro do conhecimento e a garantia da verdade, já que “a perfeição está

acima do entendimento” (ALAIN, 1993, p. 132). Porém, o que parece ser um reconhecimento da impotência humana é, ao final, um golpe na divindade, pois Deus, em vez do timoneiro do destino, torna-se a âncora da verdade, cujo papel – fundamental – é “apenas” ser fundamento, alicerce, não mais sanciona o que pode e não pode ser conhecido ou revelado, apenas vislumbra, ao longe, as aventuras do sujeito⁸.

Ainda que criação divina, o homem é algo autônomo, combinação de corpo e alma, *res extensa* e *res cogitans*, inexoravelmente unidas e funcionalmente separadas. O corpo como um mecanismo, uma máquina, um relógio (p. 90), no qual as engrenagens combinam-se e articulam-se num movimento contínuo, em contato com o mundo, mas cuja percepção é somente articulação física, extensão no espaço. A alma, imortal (p. 99), animando o corpo, coordenando-o, mas também sendo afetada por ele, por suas percepções sensoriais e paixões que, entretanto, não lhe dão uma imagem verídica do mundo; o corpo, mecanismo por meio do qual a alma se liga ao mundo, todavia, esse intermediário entre a alma e o mundo não pode nos fornecer um conhecimento válido. Ainda a alma sofre a tensão entre as paixões e a razão, entre o sentimento e o conhecimento, e buscar o equilíbrio é essencial para apaziguar a alma e preservar a saúde do corpo, o que demanda uma interpretação filosófica e uma ética de vida, às quais o sujeito do conhecimento, identificado mais uma vez com o próprio Descartes, chegou por meio de sua condição pessoal e busca pela saúde, o “sumo bem da vida” (p. 103)⁹.

Política, uma pedra no caminho

O cuidado da alma e da saúde, preocupação essencial do autor e referência para o sujeito do conhecimento, superpõe-se ao interesse pelo cuidado das coisas, mormente da coisa pública. Descartes é um pensador moderno e distinto nesse sentido também, quando advoga a distância entre o pensador e a política, o pensamento filosófico e a coisa pública, a razão e o interesse, declinando dos favores do Estado embora mantendo um contato filosófico com chefes de Estado – como a Rainha Cristina da Suécia.

Ele não ignora a periculosidade das ideias e considera mesmo que, para contribuir para o bem geral dos homens, pode-se esconder algumas conclusões (DESCARTES, 1986, p. 102). O caminho do conhecimento está aberto a todos, mas a determinação de segui-lo é requisito para enfrentar a verdade, não se pode aprisionar a verdade, mas isto não autoriza abrir simplesmente a jaula e libertar sua fúria num mundo de tradições, costumes, guardiões da ordem e incautos. Ainda que precavido, Descartes alimentou as feras que devorariam o mundo antigo: a dúvida hiperbólica, o ceticismo agressivamente crítico, a democratização do método e a autonomia do sujeito. O ato de escaparem e devorarem a tradição e a

⁸ Os argumentos sobre Deus e a eventualidade de um gênio maligno, estão principalmente nas *Meditações* (1641).

⁹ De saúde frágil desde a infância, Descartes (1979) desenvolveu – e sintetizou em *As paixões da alma* – uma forma de viver que visava equilibrar corpo e alma, paixões e razão, e acreditava que isso havia lhe dado uma sobrevida.

autoridade era só uma questão de tempo.¹⁰ Seu conservadorismo distante e desinteressado de simultaneamente livre-pensador e *clerc* posicionava-o contra o reformismo político e não o inclinava a assumir nenhuma vocação pública (p. 53). Também os negócios de Estado parecem-lhe melhor cuidados quando há poucas leis, mas são efetivamente aplicadas (p. 56), bem como quando são obra de um e não de muitos.

Descartes tinha claro que o “público”, o Estado, não se interessava pelo seu projeto de conhecimento (p. 110), e o próprio autor não derivava de suas descobertas possibilidades práticas imediatas, mesmo em termos morais: “É por isso que declaro aqui que sei bem não poder servir para me tornar notável no mundo, mas que também não tenho desejo algum de o ser; ficarei sempre mais grato àqueles em virtude de cujo favor fruirei sempre mais meu ócio, do que àqueles que me oferecem os mais honrosos empregos da Terra” (p. 114). Se houvesse interesse em auxiliar sua busca, seria contribuir para o saber, contribuindo com as despesas e impedindo “que o tempo lhe fosse roubado pelas inoportunidades de quem quer que fosse” (p. 110). Aceita assim o mecenato, mas recusa a intromissão e o amparo estatal, outra posição moderna do pensador autônomo¹¹.

O fim é o começo

Tendo encontrado o método, cumpre então ao sujeito do conhecimento procurar as explicações para as coisas e o mundo, devendo se ater às seguintes recomendações: 1) encontrar princípios gerais ou primeiras causas de tudo, 2) examinar os primeiros e mais vulgares efeitos que se podem deduzir dessas causas, 3) atentar para que ao descer à particularidade se percebe a variedade das causas e efeitos, 4) deduzir as causas a partir dos princípios que encontrou (p. 104). Nota-se, aí, que o pensador abandona a indução como algo quase irracional.

No pensamento do autor, a busca pelas causas, pela explicação, é algo sempre constante e, embora sua filosofia seja “inteiramente expurgada de fatalidade” (ALAIN, 1993, p. 154), “a ideia de ordem está em toda parte em Descartes” (ALAIN, 1993, p. 173). Entender, pensar, seguir o método, encontrar a verdade, é sempre uma busca da causalidade, da explicação, e esta, mesmo não estando necessariamente na natureza, deve ser presumida sempre, segundo sua advertência na terceira regra do método: supor uma ordem mesmo onde não houver naturalmente. Cumpre dominar a natureza por meio da razão, ainda que tal presunção destrua alguma ordem natural oculta, uma vez que o pensamento avança contra o que está dado, retomando-o, possuindo-o na alma e reconstruindo-o conforme seu intento.

Tais considerações não eliminam a pluralidade das causas, assim, após se deter na dedução como processo lógico essencial do método, percebe as dificuldades da indução e

¹⁰ A precaução do autor era factível prudente, o caso de Galileu Galilei, no início daquele século XVII, já o havia advertido para isso.

¹¹ A radicalização dessa posição pode ser identificada na arte com o “caso Mozart” (ELIAS, 1995; BARIANI, 2012).

admite: “quase já não encontro um único efeito particular que, a meu ver, deles não possa ser deduzido de muitas maneiras diferentes, e que a minha maior dificuldade é quase sempre descobrir de qual dessas maneiras ele depende” (DESCARTES, 1986, p. 104-105). Embora eminentemente dedutivo, o método cartesiano não descuida da riqueza e da complexidade da explicação.

A trajetória do sujeito chega ao fim, paradoxalmente, com a descoberta do caminho, ou melhor, da viabilidade e eficácia do caminho, esforço de uma vida: “tendo resolvido dedicar toda a minha vida à descoberta de uma ciência tão necessária, e tendo descoberto um caminho que a deve infalivelmente encontrar” (p. 103). Mas o fim é também o começo, o caminho deve ser refeito para encontrar a verdade na explicação das coisas.

Após vencer as dificuldades, com modéstia Descartes admite também que em algumas batalhas teve a sorte ao seu lado (p. 106) e, sem modéstia, que as objeções e a interlocução foram sem grande ajuda para seu intento (p. 107). Confessa sua ignorância, “o pouco que até aqui aprendi é quase nada em comparação com o que ignoro, e que ainda não perdi as esperanças de poder aprender” (p. 106), e enaltece as possibilidades práticas futuras para a ciência, fruto da obra maior de um só:

E penso poder dizer, sem vaidade, que, se alguém há que disso seja capaz, esse alguém devo ser eu de preferência a qualquer outro: não porque não possa haver no mundo muitos espíritos incomparavelmente melhores que o meu, mas porque não se pode conceber uma coisa e torná-la tão nossa, quanto a aprendemos de outrem, como quando pessoalmente a inventamos (DESCARTES, 1986, p. 107-108).

E, numa palavra, se no mundo existe alguma obra que não possa ser tão bem acabada por mais alguém a não ser pelo mesmo que a começou, é aquela em que trabalho (p. 109).

A obsessão do filósofo pela verdade tornou o percurso também uma perseguição implacável que, segundo um crítico, levou-a a extingui-la ao final:

Todo homem mata aquilo que ama, e é tentador culpar pela morte da verdade um filósofo que a amava e honrava: René Descartes. Ele a queria capturar e entesourar, mas a objetividade parecia dissipar-se na armadilha que preparou para pegá-la, como uma espécie preciosa que se extinguisse em consequência das tentativas bem-intencionadas de conservação. Descartes foi o descobridor de O Sujeito; foi o pensador que convenceu a filosofia ocidental da realidade do ‘eu’ e focalizou na pessoa individual a atenção de toda uma civilização. Mas sua busca do objeto foi um fracasso (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2000, p. 195).

Se a busca pelo objeto talvez tenha sido vã, é certo que “O pensamento, o eu pensante, tornou-se o centro e o suporte de toda a realidade” (ZILLES, 2006, p. 109), daí que “A convicção cartesiana da solidão originária do ‘eu’ como sujeito de todo o conhecimento pode, assim, de outra forma, apadrinhar e inspirar as mais recentes fenomenologias e filosofias da existência (ZILLES, 2006, p. 139, 141).

Se a física cartesiana está vincada pela ideia de que “uma mudança é determinada inteiramente pela situação dos objetos ao redor” (ALAIN, 1993, p. 140), assim, a partir deste ponto de vista, a grande viagem cartesiana de descoberta, de aventura do ‘eu’, do sujeito do conhecimento no mundo, deu-se, sobretudo, internamente. Embora o próprio Descartes tenha se deslocado no mundo, a grande mudança deu-se em si próprio, no pensamento, uma vez que, embora estático, habitando a alma, transformou-se a si próprio, ao sujeito, ao autor e deslocou o mundo todo ao redor.

Descartes, a ciência, o romance e a modernidade

Descartes é um dos precursores da filosofia e das ciências modernas, a forma como abordou o mundo natural, os organismos biológicos, o corpo, a mente e mesmo a posição divina abriram e pavimentaram novas formas de interpretação do mundo por meio da racionalidade. Construiu um novo racionalismo que desconfiava dos sentidos e da experiência sem negligenciá-los completamente, uma vez que, se não são provas do conhecimento, são indícios que apontam para relações possíveis – entre o corpo e a alma, por exemplo. Privilegiou as matemáticas e a dedução, todavia, a indução, embora não lhe seja primordial na elaboração de conceitos, não pode ser completamente desconsiderada na cogitação de indícios e na classificação lógica dos elementos simples e complexos.

As ciências modernas devem muito a esta visão, embora, em seu desenvolvimento posterior, mormente nas ciências humanas, ganharam importância os aspectos empíricos e indutivos. Não obstante, é na nova concepção do sujeito do conhecimento que a revolução cartesiana foi mais profunda, ao supor um sujeito como uma individualidade, um ‘eu’ cognitivo particular, solitário e numa busca ousada e obstinada pelo caminho do conhecimento, bem como, pertinaz em percorrer tal caminho para chegar à verdade. Tal busca é tanto individual como universal, os meios e os caminhos são eventualmente distintos, mas a forma legítima de persegui-los, a razão, é, a partir de então, algo paradoxalmente motivado e executado pelo indivíduo, pelo ‘eu’ cognitivo – e suas reflexões e conclusões são passíveis de universalização. O sujeito individual do conhecimento – libertado das cadeias da comunidade, da autoridade e da religiosidade – torna-se o legítimo herdeiro da busca do conhecimento, uma vez que os pilares da tradição tornaram-se obstáculos ao livre percurso em busca do conhecimento. A verdade de um, de um homem por si e não por Deus pode ser, desde então, uma verdade para todos.

Após as considerações cartesianas, particularmente após o *Discurso do método*, a procura do conhecimento torna-se um empreendimento do homem moderno, individual, solitário, abnegado, que se aventura e se perde nas reflexões e no mundo sem o auxílio e o controle de Deus, das instituições, da religião, dos patronos e da autoridade (pública/privada) ou intelectual¹².

¹² Na modernidade, entretanto, as instituições acadêmicas (universidades), o espírito de corpo da comunidade dos intelectuais e o patronato em termos de financiamento (público ou privado) das pesquisas voltaram a domesticar

Ademais, segundo Ian Watt (1999), a grandeza de Descartes está na determinação de não aceitar passivamente nada e de perseverar na busca da verdade como questão individual e, embora isto tenha sido notado primordialmente na ciência, é perceptível também na literatura, e é o romance “a forma literária que reflete mais plenamente essa orientação individualista e inovadora”. A primazia da experiência individual no romance se dá na mesma forma que o *cogito ergo sum* de Descartes; tanto na obra cartesiana como no romance a experiência individual torna-se árbitro decisivo da realidade (WATT, 1999, p. 14-16) – não obviamente no sentido empírico-indutivo, mas na condição individual e solitária do sujeito cognitivo¹³.

A noção de que o indivíduo solitário – rompendo amarras e tensionando-se com as circunstâncias de sua existência – pode efetuar uma busca de sentido e organizar a compreensão do mundo por meio de sua condição particular, subjetiva, é algo comum à ciência e à literatura (mormente o romance) modernas. Assim como nas ciências humanas, no romance o sujeito pode construir sua explicação e compreensão das coisas e de sua situação no mundo partindo da subjetividade reflexiva e, embora use meios lógico-rationais (de modo científico ou não) ou intuitivos para alcançar tal compreensão, sua posição individual é legítima para a empreitada. O conhecimento do mundo, de outrem e de si, na ciência ou no romance, é uma jornada pelo abandono no pensamento para o homem moderno.

Descartes é um dos primeiros homens modernos. No *Discurso do método*, que se assemelha a uma espécie de romance, o indivíduo melancólico, angustiado, prudente, destemido, solitário e obstinado persevera na incessante busca de sentido num mundo sem os muros da tradição, sem os limites da religião, sem a bússola da autoridade; seu grande empreendimento não é somente a certeza do conhecimento, mas também a busca da sua autonomia; sua maior conquista não é o saber dos fatos, mas a autonomia na busca. Ao final do caminho, na realização do método, não importa apenas a chegada, mas, sobretudo, o que deixou para trás, uma vez que fazendo o caminho, de algum modo, também foi feito por este.

Com o avanço da modernidade, após incorporar a legitimação do ‘eu’ como sujeito e o caminho individual como percurso para o conhecimento do mundo, a literatura (por meio do romance) e a ciência (por meio das ciências humanas) refizeram o percurso cartesiano, preocupadas então em entender não mais como o herói produziu o caminho, mas de como o caminho produziu o caminhante. Nesse percurso, desde Descartes, paradoxalmente, ganhou-se a iniciativa do indivíduo e perdeu-se a vontade e a liberdade na ação.

Os indivíduos, que já foram construtores do caminho, são agora – em grande medida e

os pensadores, nesse sentido, a posição cartesiana foi solapada e sua proposta vencida pela hegemonia destas instâncias.

¹³ Já Adorno (2003, p. 31-34) opõe ao cartesianismo a forma do ensaio, que “desafia os ideais da clara e distinta percepção e da certeza livre de dúvida” e, problematizando cada uma das regras do método, afirma que a ciência reduz a complexidade de uma realidade antagonica, já o ensaio abala a ilusão de um mundo simples, lógico, totalizante. Embora reconheça que o que era “consciência intelectual, que vigiava a necessidade de conhecimento” em Descartes transforma-se, posteriormente, em “arbitrariedade”, “*frame of reference*”. Como o habitual, Adorno percorre o caminho e queima as pontes, pois a ciência ou qualquer outro conhecimento jamais estará à altura da complexidade do mundo e da vida, conhecer é sempre reduzir ao intelecto, empobrecer a infinitude e congelar a fugacidade, cabe perguntar o quanto é legítimo tentar burlar tais limitações.

em grande parte das elaborações – simplesmente construídos por ele. A autonomia deu lugar ao determinismo e o caminho que libertava hoje contém, a descoberta do caminho levou à inutilização da procura de novos rumos e proscreeu o viajante, os mapas substituíram a ousadia da vontade, o condutor treinado substituiu o aventureiro, o ‘eu’ cognoscitivo deu lugar ao ser social... Vive-se desde então o estreitamento do horizonte e o determinismo do sujeito.

Não se trata de negligenciar o reconhecimento da relação reflexiva entre sujeito e objeto, do condicionamento do sujeito e da complexidade do objeto, mas da recuperação do reconhecimento da legitimidade da ousadia da vontade e das possibilidades da liberdade na criação do conhecimento científico e literário do mundo. Se o homem é, também, fruto das circunstâncias, sobretudo, as circunstâncias são fruto da ação do homem.

BARIANI, E. Descartes: The Adventures of the Hero of Knowledge in *Discourse on Method*. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 7, n. 1, p. 42–58, 2015.

Referências

ALAIN. *Ideias: introdução à filosofia – Platão, Descartes, Hegel, Comte*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Tópicos).

ADORNO, T. W. Ensaio como forma. _____. *Notas de Literatura I*. Trad. e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003. (Espírito crítico). p. 15-46.

BARIANI, E. Indivíduo, sociedade e genialidade: Norbert Elias e o caso Mozart. *Revista Urutagua*, n. 8, 2005. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/008/08soc_bariani.htm>. Acesso em: 20 ago. 2014.

BORGES-DUARTE, I. O melão, o redemoinho e o tempo: Descartes e o sonho de uma noite de outono. *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo LIX, fasc. 2, p. 315-37, 2003.

CARPEAUX, O. M. *História da Literatura Ocidental*, v. II. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1960.

DESCARTES, R. *O pensamento vivo de Descartes*. Trad. Maria de Lourdes Teixeira. São Paulo Martins, 1975. (Pensamento vivo).

_____. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

_____. *O discurso do método*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986.

ELIAS, N. *Mozart: sociologia de um gênio*. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. *Verdade*. Trad. Beatriz Vieira. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GAUKROGER, S. *Descartes: uma biografia intelectual*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

GILSON, É. Introdução. In: DESCARTES, R. *O discurso do método*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1979. p. 11-26.

GRANGER, G-G. Introdução. In: DESCARTES, R. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. 2a. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 5-24. (Os Pensadores).

HUSSERL, E. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

KEHL, M. R. *A constituição literária do sujeito moderno*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/19133258/Maria-Rita-Kehl-A-constituicao-literaria-do-sujeitomoderno>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

KUJAWSKI, G. M. *Descartes existencial*. São Paulo: Herder, 1969.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance: um ensaio histórico*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. 2ª reimpressão. São Paulo: Duas Cidades, 2006. (Espírito Crítico).

_____. O romance como epopeia burguesa. In: _____. *Arte e sociedade: escritos estéticos (1932-1967)*. Organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 193-244. (Pensamento crítico, 13).

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 11a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MATOS, O. C. F. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MONTAIGNE, M. E. *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

PASCAL, B. *Pensamentos*. Trad. Paulo M. Oliveira. Bauru: EDIPRO, 1995.

RENAUT, A. *O indivíduo: reflexões acerca da filosofia do sujeito*. Trad. Elena Gaidano. 2a. ed. São Paulo: Difel, 2004. (Enfoques, filosofia).

ROCHA E SILVA, M. *O mito cartesiano e outros ensaios: por uma nova filosofia da ciência*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAIANI, C. *O sonho de Descartes: uma visão junguiana*. Disponível em: <<http://www.nilsonmachado.net/20090515.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VALERY, P. Descartes. In: DESCARTES, René. *O pensamento vivo de Descartes*. Trad. Maria de Lourdes Teixeira. São Paulo Martins, 1975. p. 3-34. (Pensamento vivo).

WATT, I. *A ascensão do romance*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ZILLES, U. *Teoria do conhecimento*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. (Filosofia, 21).

Recebido em: 27/09/2014

Aceito em: 18/11/2014